

## A NARRAÇÃO COMO ELEMENTO SEMINAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

*Mônica Amim\**

**RESUMO:** o objetivo deste trabalho é oferecer ao leitor, além de um breve panorama da literatura galesa medieval, elementos para uma reflexão acerca da importância das manifestações artísticas — no caso a literatura — na construção de uma identidade nacional. Pretendemos ainda, de forma sucinta, discutir o papel das narrativas mítico-históricas na formação do imaginário popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** narração. Identidade. Literatura medieval.

**ABSTRACT:** this work aims to make a summary of the Welsh medieval literature as well as to put some ideas regarding the importance of literature in the building of a national identity. We also intend to discuss briefly the role of the historical, mythical narratives in the constitution of collective beliefs and thoughts.

**KEYWORDS:** narration. Identity. Medieval literature.

Ao iniciarmos a apresentação deste trabalho, pensamos ser primeiramente necessário oferecer ao leitor alguns dados sobre a civilização celta, sua cultura e sua arte. Esta sucinta explanação visa possibilitar ao leitor uma compreensão, mesmo que breve, do universo do histórico-literário com o qual pretendemos trabalhar: a literatura galesa medieval de origem celta. Esta necessidade se coloca já que tais textos são de rara circulação em nosso meio acadêmico, tendo em vista suas particularidades e especificidades.

---

\* Doutora em literatura comparada pela UFRJ. Participa do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. É assessora Acadêmica do Centro de Estudos Afrânio Coutinho da Faculdade de Letras da UFRJ.

Os celtas foram um povo, de origem indo-européia, que constituíram a primeira grande nação de nome conhecido ao norte dos Alpes, sendo por isso considerado o predecessor das nações históricas da Europa Central e do Oeste. Os celtas emergiram como povo reconhecido por volta de 500 a.C. na Europa Central (na área em que hoje se encontram a Tchecoslováquia, a Hungria, a Áustria, a Suíça e o sul da Alemanha).

No século III a.C. ocupavam uma vastíssima região que ia da Espanha à Ásia Menor. Grande parte dos historiadores destaca o período Lateniano (entre os séculos V e III a.C.) como o apogeu da expansão celta.

Devemos destacar que os celtas distinguiam-se dos outros povos não apenas pela utilização do ferro como também pelo alto grau de habilidade técnica e artística que desenvolveram em relação à metalurgia. Ora, o ferro que servia para a confecção de ferramentas servia também para a fabricação de armas, o que deu aos celtas superioridade militar e facilitou sua expansão e a conquista de novos territórios.

Devido a estes muitos movimentos migratórios e aos inúmeros territórios ocupados pelos celtas, nem sempre podemos falar de um povo ou de uma civilização celta *stricto sensu*. Muitas vezes, ao nos depararmos com algum dado (objetos, manifestações religiosas, palavras) com características celtas, deveríamos falar de uma civilização ou uma região onde eles exerceram alguma influência. Tendo dominado um vastíssimo território ocupado por diversas populações, a civilização celta desenvolveu-se, então, em um meio bastante heterogêneo. Somemos a isto o fato de que a aquisição da escrita pelos celtas deu-se apenas em torno do século V d.C., o que pode ter levado a uma certa fragmentação na transmissão dos conhecimentos e costumes que até então eram passados pela tradição oral.

Exceto por focos de resistência, como Grã-Bretanha e Irlanda, e por efêmeros períodos de renascimento da cultura celta em pontos isolados, podemos afirmar que o declínio da civilização celta começou com a ascensão e a conseqüente invasão romana. Os romanos foram paulatinamente sufocando todos os aspectos

da civilização celta, a começar pela Gália, proibindo inclusive a prática do Druidismo (a religião dos celtas), o que acelerou o desaparecimento do gaulês como língua. O golpe final seria dado mais tarde quando em 325 d.C. Constantino declarou o Catolicismo a religião oficial do Império Romano, e a Igreja passou a perseguir com extrema ferocidade todas as outras religiões.<sup>1</sup>

Entre os celtas a arte de contar histórias constituía a principal diversão para todas as classes sociais. Segundo John Sharkey a função primeira do mito é explicar o inexplicável; nesse sentido poucos foram os povos que utilizaram o mitológico, o sobrenatural, o onírico e o imaginário como os celtas o fizeram. Assim sendo, devemos ter em mente que a chave para compreender o mundo celta está em fundir o espiritual, o físico e o imaginativo, fusão esta que, aliás, é prática constante na arte e na literatura celtas. Vale ainda lembrar que a falta de barreiras entre o real e o imaginário e a possível interpenetração entre os mundos são duas das principais características da arte e da literatura celtas.<sup>2</sup>

Devido à transmissão de seus conhecimentos por meio da oralidade, acentuou-se nos celtas o gosto pela narrativa e pelo discurso artístico. A aquisição da escrita se deu, como já dissemos, por volta do século V d.C. e, na Irlanda, um pouco mais tarde. Mesmo assim, a tradição oral conservou muito bem, até aquele momento, os dados e elementos da cultura celta. Na literatura os exemplos mais antigos de escrita são de poesias do século VI d.C. e vêm da Irlanda.

A Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e País de Gales) não possui uma literatura tão remota quanto a Irlanda, mas no País de Gales verificamos uma tradição oral tão fortemente desenvolvida quanto a irlandesa, com a presença de poetas profissionalizados e temas celtas. As histórias mitológicas irlandesas, que estão entre os registros mais antigos que possuímos, chegaram até nós de

---

<sup>1</sup> MARKALE, Jean. *La femme celte: mythe et sociologie*. 8 éd. Paris: Payot, 1989, p. 25-33.

<sup>2</sup> SHARKEY, John. *Celtic mysteries: the ancient religion*. 2. ed. Singapore: Thames and Hudson, 1981, p. 6-7.

forma coerente e acabada. Infelizmente não podemos dizer o mesmo da mitologia galesa. O único grupo de estórias galesas coerentes está no *Mabinogion*, e foram registradas apenas muitos séculos depois dos primeiros registros irlandeses. Sendo assim, podemos dizer que as estórias irlandesas pertencem ao período heróico, enquanto as galesas, que chegaram até nós com uma roupagem medieval, são produto da Idade Média cristã. Entretanto, tal é a conservação do mundo literário galês que, apesar das óbvias influências inglesas e normandas que podemos algumas vezes detectar, estas estórias permaneceram substancialmente celtas.<sup>3</sup>

Os manuscritos mais antigos de poesia galesa são *Black Book of Camarthen* (séc. XII) e *Book of Taliesin* (de 1275). Em prosa encontramos *White Book of Rhydderch*, escrito por volta de 1300-25, e *Red Book of Hergest*, produzido entre 1375-1425. É sobre o conteúdo destes dois últimos que repousa o nosso interesse, pois é justamente nestas duas coleções de manuscritos galeses que encontramos as narrativas do *Mabinogion*.

O *White Book of Rhydderch* encontra-se preservado na National Library of Wales, em Aberystwyth, e o *Red Book of Hergest* se encontra no Jesus College, em Oxford. Apesar de conterem um rico e variado material da literatura galesa em verso e prosa, de valor inestimável, estiveram praticamente inacessíveis ao público em geral e até mesmo aos estudiosos até meados do século XIX. Entretanto, este quadro foi alterado em 1849 quando Lady Charlotte Guest publicou o texto em galês e a tradução em inglês de onze contos do *Red Book*, numa edição em três volumes com numerosas notas explicativas. Mais tarde, em 1877, Lady Charlotte publicou uma edição condensada contendo apenas a tradução em inglês sem o texto galês, e com as notas originais condensadas. Além dos onze contos originais do *Red Book*, ela incluiu, nas duas edições, o conto de *Taliesin*, pertencente a um manuscrito

---

<sup>3</sup> CHADWWICK, Nora. *The celts*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1971, p. 226-291.

posterior ao *Red Book of Hergest*.

Lady Charlotte Guest utilizou o termo “Mabinogion” como título geral para os doze contos contidos em seu livro. Devemos ainda lembrar que todas as estórias deste volume são mais antigas que o manuscrito no qual foram encontradas, e que os textos do *Mabinogion* apresentam uma notável variedade dentro do padrão medieval. Tal diversidade, porém, não se contrapõe à existência de uma substancial unidade entre os componentes deste *corpus* literário. Percebemos então que esta unidade se faz presente na obra por meio dos temas e do meio social e literário que a forjaram.

### **Os celtas e sua literatura**

Já há algumas décadas que historiadores (G.Duby, J.Le Goff, J.Markale, H. Franco Jr. etc.) e estudiosos de diversas áreas (E. Said, N. Fairclough) percebem as diferentes manifestações culturais — dentre elas a literatura — como um campo rico em dados para uma compreensão mais aprofundada de um dado momento histórico ou de um povo ou grupamento social.

Temos, então, a noção dos diferentes cotidianos como verdadeiros mosaicos formados por peças diversas, que interagem para formar o todo. Nesse sentido, podemos perceber a relação clara entre um dado momento histórico e as atitudes mentais dos indivíduos que o vivenciaram. Acreditamos ser indiscutível o papel seminal da interação do indivíduo com o seu meio social. O agir social atua na formação e na transformação do coletivo, da mesma forma que esse coletivo exerce papel importante na mudança do cotidiano e do pensamento do indivíduo.

Pensando o termo cultura em seu sentido mais amplo<sup>4</sup>, é lícito

---

<sup>4</sup> O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. In: SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 7.

afirmar que o homem é um ser social e culturalmente construído. Esta afirmação nos remete imediatamente a Vygotsky<sup>5</sup>, para quem a base sócio-histórica e cultural é determinante, e mais ainda, acreditamos serem nossos modos de pensar e agir construídos socialmente por meio do discurso.

Segundo Norman Fairclough: “os discursos não só refletem ou representam as entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’”<sup>6</sup>. Esta afirmação de Fairclough nos incita a lembrarmos aqui a proposta apresentada por Edward Said em *Orientalismo* e ampliada e desenvolvida em *Cultura e imperialismo*. Para Said, a visão ou imagem que se tem das regiões periféricas é construída por meio do discurso. Indo mais além, o autor encara o romance não só como uma forma dos povos colonizadores construírem a imagem dos colonizados, mas também, e principalmente, como uma maneira dos povos colonizados se verem e formarem sua identidade. Para ele as nações são elas mesmas grandes narrativas.<sup>7</sup>

Cabe, então, lembrarmos aqui que os povos celtas foram — durante praticamente cinco séculos — expansionistas, conquistadores e colonizadores de diferentes e vastas regiões do mundo então conhecido. Contudo, eles foram paulatinamente, por diversos motivos que discutiremos ao longo deste trabalho, passando à condição de conquistados e colonizados.

Ora, trabalhando de forma análoga com o pensamento de Said, podemos perceber as narrativas medievais de origem celta (como o *Mabinogion*) não apenas como o reflexo de um imaginário coletivo, mas também como elemento fundamental na construção da identidade e da unidade cultural dos povos celtas, principalmente no caso do País de Gales e da Irlanda. No caso dos celtas galeses, a transmissão oral, século após século, de narrativas

---

<sup>5</sup> VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 8-11.

<sup>6</sup> FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001, 0. 22.

<sup>7</sup> SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Vintage Books, 1993.

histórico-mitológicas (e sua posterior preservação em manuscritos) foi, indubitavelmente, fator determinante para a conservação de um patrimônio cultural que serviu, de forma inquestionável, de adubo para a formação de um sentimento de nacionalidade e identidade cultural.

## Os celtas

Em geral, grande parte dos estudiosos utiliza atualmente o termo 'fração céltica' referindo-se apenas à Grã-Bretanha e à Irlanda. Sabe-se, porém, que os celtas cristãos povoavam, por volta do século V, a Irlanda, a Escócia, o País de Gales e a Bretanha Armoricana. Eram esses grupos celtas descendentes dos antigos celtas (da Segunda Idade do Ferro e contemporâneos da Grécia Clássica).

Há indícios de que por volta do ano 1000 a.C. a Idade do Ferro chegou ao País de Gales, com a população vivendo em assentamentos agrícolas mistos e praticando trabalho extensivo em minas de cobre.<sup>8</sup> A partir desse período o contato com a cultura Halstatt da Áustria (próximo a Salzburg) possibilitou a esses grupos galeses desenvolverem um trabalho mais apurado com a metalurgia. Do mesmo modo, desenvolveram um contato mais prolongado com outras culturas mediterrâneas, o que propiciou entre eles a difusão e o uso de símbolos e desenhos celtas no estilo de La Tène, já então bastante difundidos entre essas culturas. Devemos ainda lembrar que foi durante esse mesmo período que as línguas celtas chegaram à Bretanha, trazidas por pequenos grupos de migrantes.

Junto com os citas, os persas e os líbios, os celtas são vistos por Éforo — por volta do século IV a.C. — como um dos quatro grandes povos “bárbaros” do mundo. É interessante notar que,

---

<sup>8</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 1: The beginning of Wales. Disponível em: <<http://www.britannia.com/wales/whist.html>>. Acesso em: fevereiro de 2006.

para a maioria dos observadores externos, os celtas eram vistos como “um povo” (com traços físicos, instituições sociais e políticas comuns, além de grande afinidade lingüística). Em grande parte, essas observações, calcadas em aspectos mais gerais ou superficiais, se traduziam em equívocos, principalmente no que tange ao aspecto da unidade organizacional política, tendo em vista que os povos celtas jamais constituíram um país ou império comum unificado. Fato é que, apesar de seu poderio por volta de 300 a.C., os celtas eram incapazes de evitar as guerras intertribais, o que posteriormente será uma das principais causas da dominação romana.<sup>9</sup>

Além da nova língua (não nos esqueçamos ser o galês uma sobrevivência das línguas celtas), os celtas trouxeram para a Bretanha uma nova religião: o Druidismo. Verificamos ainda mais um traço comum na formação dos diversos reinos celtas na Grã-Bretanha e na Irlanda. Na maioria das vezes, esses reinos se constituíam de pequenos assentamentos para a exploração agro-pastoril, e seus membros, normalmente, guerreavam apenas com a intenção de manter e defender o território.

Parece-nos ser importante lembrar que a cultura celta desfrutou de quase dez séculos de florescimento e expansão (± entre o século V a.C. e o século V d.C.), resistindo a vários e diferentes ataques e sempre mantendo suas características marcantes e bem definidas. Para T. G. Powell, isso foi possível por ocuparem, naquele momento, regiões periféricas do mundo antigo afastadas dos grandes interesses e das mudanças que afetavam as regiões consideradas centrais.<sup>10</sup> A concepção de Powell nos parece procedente, principalmente se tomarmos como exemplo a Gália e posteriormente a Bretanha. Nestas regiões, o declínio da supremacia celta se dá justamente após estas se tornarem o centro dos interesses romanos.

---

<sup>9</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 1: The beginning of Wales. Disponível em: <<http://www.britannia.com/wales/whist.html>>. Acesso em: fevereiro de 2006.

<sup>10</sup> POWELL, T.G. *The celts*. 3. ed. London: Thames and Hudson, 1963, p. 75.

Após duas incursões de César sem sucesso (em 55 e 51 a.C.), o imperador Claudius faz em 43 a.C. a primeira expedição bem sucedida à Bretanha. Encontrando a região sem unidade político-militar, começa então uma série de batalhas contra as tribos celtas, inicialmente a sudoeste, pois a região era rica em grãos. Temos aí o estabelecimento de *villas* e fazendas, especialmente a sudeste e sudoeste. O País de Gales e a Escócia, por serem regiões extremamente montanhosas, não foram facilmente ocupados. Permaneceram como “a fronteira” esparsamente ocupada, com tropas e guarnições estrategicamente colocadas de forma a guardar as extremidades Norte e Oeste do Império.

Devemos ressaltar que o interesse romano no País de Gales se devia, principalmente, a seus valiosos depósitos minerais (chumbo, estanho e ouro). Contudo, aqueles encontraram resistência ferrenha das tribos celtas, tanto que, de cada três legiões romanas estacionadas na Bretanha, duas se encontravam nas fronteiras galesas, sendo Deva (Chester) a maior fortaleza romana na Bretanha.<sup>11</sup> Podemos afirmar que, de maneira geral, o êxito romano foi relativo. Exerceram os romanos fraca influência nas instituições celtas da Bretanha, lembrando ainda que as línguas celtas continuaram a ser utilizadas nas atividades diárias, enquanto o latim era utilizado na área administrativa.

A saída das legiões romanas da Bretanha (por volta do século III) facilitou o início de sucessivos e pesados ataques das tribos germânicas. Porém, não nos esqueçamos que a longa dominação romana deixou na Grã-Bretanha o seu legado. Os grupos celtas passaram a perceber a importância da unidade política e de um governo centralizado para combater os inimigos e os invasores. Isso se traduziu numa resistência longa e feroz dos celtas contra os saxões (quase trezentos anos de batalhas até o século VI). Encontramos aí o início da lenda do Rei Artur — para os galeses

---

<sup>11</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 1: The beginning of Wales. Disponível em: <<http://www.britannia.com/wales/whist.html>>. Acesso em: fevereiro de 2006.

um rei guerreiro cristão (romano-bretão) baseado no País de Gales. A vitória de Arthur na batalha de Mont Badon (por volta de 500 d.C.) teria sido fundamental para barrar, por quase cinquenta anos, o avanço saxão. Com tudo isso, o final do século VI vai encontrar a Bretanha dividida em três áreas distintas: o Leste teutônico, o Oeste bretão e o Norte picto-bretão (que logo seria invadido pelos escotos vindos da Irlanda). É importante destacar que essas três áreas — posteriormente Inglaterra, País de Gales e Escócia — desenvolveram-se com características culturais e lingüísticas bem diferentes, separadas e definidas.

Como já dissemos anteriormente, podemos perceber vários pontos de contato entre os povos celtas (línguas, sistemas institucionais...). Além disso, percebe-se também a preocupação com a conservação de suas tradições, principalmente por parte da elite intelectual e política, provavelmente com a intenção de manter suas instituições e costumes entre as populações estrangeiras dos territórios conquistados. Tanto é que suas leis são as mais antigas que sobreviveram, na Europa, sem influência romana ou mediterrânea — com os direitos e os deveres definidos pela lei do costume e as disputas apresentadas resolvidas por juristas profissionais e/ou druidas.

Apresentavam as sociedades celtas uma organização hierarquizada com distribuição e distinção de classes muito bem definidas. A importância e o tamanho dos reinos variavam, contudo notamos ser a realeza a instituição mais importante destas sociedades, principalmente na Irlanda e no País de Gales. A realeza celta era do tipo eletiva, porém restrita aos indivíduos oriundos de uma família real com organização matrilinear e/ou matrilocal (mas nunca matriarcal).<sup>12</sup> É importante lembrar que o exercício da função real estava vinculado às leis votadas pelo povo, não sendo por-

---

<sup>12</sup> Matrilinear: herdando ou determinando a descendência através da linha materna; Matrilocal: de ou pertencente ao local de origem da família ou tribo materna; Matriarcal: forma de organização social na qual a mãe é a chefe da família e a descendência é reconhecida apenas pela linha materna, pertencendo a criança ao clã materno.

tanto o rei um autocrata. Nesse sentido, é bom esclarecer que as tribos celtas, geralmente, eram auto-suficientes, encaradas como um todo autogovernável (um dos prováveis motivos para a não unificação entre gauleses, bretões, irlandeses, escoceses etc.).

Cabe aqui destacar que a legitimação da eleição real dava-se também pela via místico-religiosa, pois o bem-estar e a prosperidade da tribo estavam relacionados ao sucesso do rei e a sua aceitação pelas forças sobrenaturais. Sendo assim, a perfeição moral e física do rei era indispensável para o bem-estar geral da tribo, já que as falhas físicas ou morais dele podiam trazer consequências catastróficas (esta questão pode ser observada em diversas narrativas, inclusive nas do Ciclo Arturiano). Fica clara, então, a presença do divino, do espiritual, do mágico e do religioso nos diversos aspectos do cotidiano celta, coordenados por uma unidade de crença que tinha o Druidismo como expressão máxima. Temos assim, para muitos estudiosos, o Druidismo como um sistema filosófico, jurídico, metafísico e religioso comum a todos os celtas até a chegada do Cristianismo. A presença da religião em todas as áreas do cotidiano celta confere ao Druidismo um caráter essencialmente social, o que para muitos celtistas se deve à visão não-dicotômica dessa religião entre o sagrado e o profano.<sup>13</sup>

A chegada do século VII vai encontrar os celtas da Grã-Bretanha e da Irlanda já cristianizados. Especificamente no País de Gales a população permaneceu basicamente celta, porém, a Batalha de Chester (616) dividiu os celtas do Norte e os do Sudoeste. Segundo Peter Williams, é a partir desse momento que os galeses começam a se pensar como uma nação, embora diversos reinos rivais tenham se desenvolvido dentro de suas fronteiras (Morgannwg, Powys, Brycheinion, Dyfed e Gwynedd). Também nesse momento temos já o galês como uma língua distinta do antigo britônico. Vale aqui registrar que um poema de 633 (não identificado) se refere ao País de Gales e a sua população como *Cymry*,

---

<sup>13</sup> CHADWICK, Nora. *The Celts*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1971, p. 46; MARKALE, Jean. *Le druidisme*. Paris: Payot, 1989, p. 55.

embora fora do País de Gales eles continuassem a ser denominados bretões. Devemos explicar que o termo *Welsh* era utilizado pelos saxões para denominar estrangeiros, vizinhos ou romanizados. Sendo assim, os galeses preferem até hoje se autodenominar *Cymry*, seu país *Cymru* e sua língua *Cymraeg*.<sup>14</sup>

Para a maioria dos historiadores por nós pesquisados, além do País de Gales, os reinos britânicos que sobreviveram a Norte e a Oeste foram Rheged, Gododdin, e Strathclyde (hoje Escócia). Estando o País de Gales politicamente isolado a partir do século VII, Strathclyde continuou por mais algum tempo como centro das antigas tradições poéticas, papel que posteriormente caberia ao País de Gales. No que se refere ao quadro político-religioso, embora a Igreja do País de Gales tenha sido forçada a se submeter às normas da Igreja de Roma (introduzidas por Agostinho e tornadas oficiais no Sínodo de Whitby em 644), grandes diferenças políticas continuaram a existir entre celtas e saxões. Essas diferenças foram enfatizadas e tornadas ainda mais visíveis pela construção de um longo dique, *Offa's Dyke*, que na metade do século VIII dividiu os celtas do Oeste dos saxões do Leste. Porém, é bom esclarecer que muitas comunidades galesas permaneceram a Leste da fronteira, nas terras conhecidas hoje como Inglaterra (Lloegr), bem como muitas comunidades inglesas continuaram a existir a Oeste, nas terras hoje conhecidas como País de Gales (Cymru).

Os sucessivos ataques vikings, a partir do século IX, criaram a necessidade de uma união política mais consistente para reforçar as defesas da região. Na Inglaterra o Rei Alfred assumiu o governo nesse período, unificando o país. Já no País de Gales esse papel coube a Rhodri, o Grande (Rhodri Mawr), que em 855 tornou-se rei de Powys e de quase todo o resto do País de Gales. O governo de Rhodri trouxe ao país um período de união e estabilidade, porém esse período foi curto, já que o rei morreu em 878, lutando contra um exército inglês e seus herdeiros tiveram, então,

---

<sup>14</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 2: A sense of Wales. Disponível em: <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

que se aliar a Alfred para obter proteção.

Howell, o Bom (Hywel Dda) — neto de Rhodri — implementou posteriormente uma política de conciliação com a Inglaterra. Governou durante um longo período (904-950) comandando praticamente todo o País de Gales, exceto Glamorgan (a Sudeste). De acordo com *A crônica dos príncipes* (*The Brut Y Tywysogion*) — importante narrativa histórica medieval — Howell foi “o mais importante e o mais valoroso dos bretões”. Devemos também ressaltar ter sido ele o único rei galês a receber o epíteto de “o bom”. Seu reinado se caracterizou pela estabilidade interna e pela luta constante contra as influências externas, principalmente as insistentes tentativas inglesas de controle. Um dos feitos mais importantes do reinado de Howell foi a sistematização legal dos costumes desenvolvidos no país através dos séculos, conhecida como *A Lei de Howell* (Cyfraith Hywel). Muito mais avançadas que as leis inglesas, as leis galesas conferiam *status* significativo às mulheres (propriedade, compensação e partilha igualitária de bens...) e nelas também estava incluído o *Gavelkind*, lei que estabelecia a divisão igualitária de terras entre os herdeiros. Embora apresentasse um caráter mais justo e democrático, o *Gavelkind* não permitiu no País de Gales a formação de reinos grandes, poderosos e unificados, como na Inglaterra. Vale lembrar que *A Lei de Howell* foi aplicada até o século XVI (quando foi substituída pelo Ato de União de 1536), tendo inclusive sobrevivido ao Estatuto de Rhuddlan (1284, com Eduardo I), que em muitas jurisdições substituiu procedimentos galeses pelas leis inglesas. Para John Davies, importante professor/pesquisador da história do País de Gales, este conjunto de leis atesta a unidade e o forte sentimento de identidade existente entre o povo naquele período. Prova disso é que a maior parte dos documentos preservados está em galês (apenas alguns se encontram em latim), o que só reforça a legitimidade desfrutada então pela língua Cymry.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 3: A unified people. Disponível em: <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

É importante salientar que, apesar de ter sido um grande governante, Howell, o Bom foi incapaz de criar um estado completamente unido e independente que sobrevivesse a sua morte. Ainda durante seu governo ele foi obrigado a aceitar a posição de sub-regente, subordinado ao Rei Athelstan, de Wessex. Assim, após sua morte, o País de Gales voltou a ser um território partido em pequenos reinos mergulhados em lutas internas. Contudo, durante o longo governo de Howell, as leis e a literatura galesa eram reconhecidas e admiradas pelo restante da Europa.

### **A Literatura Galesa Medieval**

As civilizações celtas criaram o seu estilo próprio em termos de arte, expresso na cultura de Hallstatt e que alcançou o seu apogeu estético na Arte Lateniana. Além disso, o contato com a cultura clássica provavelmente estimulou o gosto por armaduras, elmos, bebidas e festejos. Nesse sentido, temos as batalhas e os banquetes como atividades essenciais e complementares da aristocracia celta. Nesses banquetes, normalmente, os guerreiros tinham seus feitos cantados pelos bardos, e essas composições orais muitas vezes tornavam-se parte da tradição literária.

Como a aquisição da escrita entre os celtas deu-se apenas por volta do século V (e na Irlanda um pouco mais tarde), houve, mesmo após a cristianização, o florescimento, especialmente na Irlanda, das “tradicional escolas orais” junto aos mosteiros. Verificamos então, no século VII, a existência de uma verdadeira elite de monges irlandeses educada segundo o tradicional ensino nativo. Tal fato propiciou a síntese de duas estruturas mentais, a princípio antagônicas (religiosa + sócio-cultural), síntese essa responsável pelo registro por escrito de uma riquíssima literatura em língua vernácula (até então oral). Essa literatura de origem celta é a mais antiga literatura européia de língua não latina, e ofereceu ao mundo preciosidades como as sagas irlandesas e galesas pagãs, a lenda arturiana e do Graal, além dos personagens de *Tristão e Isolda*.

Os exemplos mais antigos de escrita, na literatura, são de

poesias irlandesas (séc.VI). Embora o material se apresente bastante fragmentado, é possível conhecer os nomes de vários bardos, principalmente os de Munster. No País de Gales — embora a Grã-Bretanha não apresente uma literatura tão remota como a Irlanda — encontramos uma tradição oral tão desenvolvida quanto a irlandesa, com a presença de poetas profissionalizados e temas celtas. É importante notar que a matéria dessas composições galesas possivelmente sofreu algumas mudanças ao longo das transmissões, visto que chegaram até nós com uma roupagem da Idade Média cristã. Os manuscritos mais antigos de poesia galesa encontram-se no *Black Book of Camarthen* (séc. XII) e no *Book of Taliesin* (1275).

Cabe aqui mencionar a importância que os bardos tinham na sociedade galesa. A *Lei de Howell* (já discutida anteriormente) apresentava diferentes versões de acordo com cada localidade, e essas diferentes versões eram comumente chamadas de *Venedotian Code*. Entretanto, as diferentes versões apresentam um dado comum no que diz respeito à hierarquia dos bardos. Segundo a lei o *penkerdd* (*the chief of songs*/o mestre da canção) tem direito à propriedade livre de terras e senta-se, normalmente, ao lado do *edling* (o herdeiro do rei), tendo também o direito de sentar-se ao lado do próprio rei. Já o *bardd teulu* (*the household bard*/o bardo da casa) também tem direito à livre propriedade de terras (doadas pelo rei); além disso, sua harpa e seu anel de ouro devem ser dados pela rainha, porém seu *status*, segundo a lei, é inferior ao do *penkerdd*.<sup>16</sup> Sendo *A Lei de Howell* a sistematização dos costumes desenvolvidos no país durante os séculos anteriores, cremos que o fato dos bardos serem mencionados pela letra da lei nos comprova a sua grande importância para aqueles grupamentos sociais.

Os remanescentes dos trabalhos em galês antigo datam do final do século VII. Assim, os poemas em galês mais arcaico são

---

<sup>16</sup> CHADWICK, Nora. *The celts*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1971, p. 121.

pertencentes ao que se conhece como tradição do período heróico, e, portanto, parte do mais antigo remanescente em língua vernácula na Europa. Esses poemas foram provavelmente compostos no reino de Starthclyde ao Norte (hoje Sudoeste da Escócia, logo invadido por oriundos da Irlanda falantes do gaélico) ou ao Norte do País de Gales. É importante destacar que, embora em seus primórdios a literatura galesa tenha se desenvolvido oralmente como a irlandesa, sua preservação na forma que hoje a conhecemos deu-se num período posterior à da Irlanda. As evidências de métrica e linguagem mostram que alguns poemas são tão antigos quanto os irlandeses, porém, apenas um pesquisador mais experiente pode detectar, por meio de um estudo mais detalhado dos textos, a antiga língua galesa que aparece por vezes incorporada aos textos, revelando assim o antigo original no qual foram baseados.<sup>17</sup>

A despeito dos locais e datas de origem dos poemas, Taliesin (séc.VI) e Anairin (séc. VI) são os dois poetas mais conhecidos entre os antigos bardos das tradições celtas no País de Gales. No que diz respeito a Taliesin, dos cinquenta e oito poemas do manuscrito a ele atribuído, praticamente todos foram escritos entre 900 e 930, sendo que apenas doze poemas apresentam provas textuais e lingüísticas de serem do século VI, e de assim representarem realmente o trabalho do próprio Taliesin. No caso de Anairin, embora o poema *Y Gododdin* seja a ele atribuído, esse só foi preservado na forma escrita duzentos e cinquenta anos após o seu período de vida (séc.VI). Essa importante composição poética galesa celebra os feitos de um grupo de heróis guerreiros e seus aliados na Batalha de Catraeth (por volta de 600), na qual foram derrotados pelos anglos, tendo sido todos, exceto um, mortos. A prontidão e a disposição dos guerreiros para a morte são, no poema, encaradas como um dever, já que de acordo com o poeta a morte lhes garante glória eterna. Vale ainda destacar um dos as-

---

<sup>17</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 2: A sense of Wales. Disponível em <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

pectos mais importantes do *Y Gododdin*. Para muitos foi o primeiro trabalho a mencionar o líder guerreiro galês Artur, modelo de virtude e também de ferocidade, bem diferente da figura que nos será mostrada nos trabalhos posteriores. Devemos ainda mencionar Llywarch Hen (também do séc. VI), lembrando porém que os poemas a ele atribuídos datam de 850 a 900, sendo portanto recriações ou, como afirma Nora Chadwick, uma dramática tentativa de reconstrução.<sup>18</sup> Como podemos perceber, infelizmente não há exemplares de textos de poesia galesa antiga — como há da irlandesa — para que possamos ter uma idéia de como eram os originais. O que existe são apenas três estrofes preservadas na margem superior do manuscrito de *Juvenicus* (University Library of Cambridge) que datam da primeira metade do século IX, pois como já dissemos, o manuscrito mais antigo totalmente em galês é o *Black Book of Camarthen* (final do séc. XII). Finalmente, no que diz respeito à poesia, não podemos deixar de mencionar *The Prophecy of Britain (Armes Prydain)*, poema em forma de lamento composto por volta de 930, provavelmente por um monge do Sul do País de Gales. A obra trata de uma possível aliança entre os celtas da Grã-Bretanha (Britain) e da Bretanha Armoricana (Brittany) e os normandos oriundos de Dublin, numa tentativa de expulsar os invasores saxões e restaurar os antigos reinos. Nesse poema, o poeta expressa uma profunda e irreversível sensação de perda por uma profecia construída em cima de falsas esperanças. É interessante notar que *Armes Prydain* foi composto durante o mesmo período que o poema inglês *Answer*, um elogioso relato em verso — parte da *Anglo-Saxon Chronicle* —, sobre a vitória do rei Athelstan (saxão) contra a aliança celta descrita em *Armes Prydain*, numa batalha em Brunamburgh (local não identificado).<sup>19</sup>

A partir do século XI, a maior presença normanda ao Sul do

---

<sup>18</sup> CHADWICK, Nora. *The celts*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1971, p. 285.

<sup>19</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 2: A sense of Wales. Disponível em <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

País de Gales, após a invasão, fez com que esse saísse do seu quase permanente isolamento político e geográfico e se tornasse realmente parte mais efetiva da Europa. Esse momento apresentou as condições favoráveis (redução das guerras e das disputas políticas) para um grande florescimento e desenvolvimento da produção literária galesa. Tal produção, além de rica e bastante variada (literatura, história, leis, medicina, geografia, teologia e hagiografia), foi muito apreciada e admirada pelo restante do continente europeu. São justamente desse período as duas maiores contribuições da prosa galesa para a literatura européia: as narrativas do *Mabinogion* e o que costumamos denominar de Literatura Arturiana. Os contos do *Mabinogion*, para muitos a maior contribuição galesa para a literatura européia, foram compostos por volta do século XI; apresentam, porém, material de um período bem mais remoto envolvendo figuras da mitologia celta e estão no *White Book of Rhydderch* (1300-1325) e no *Red Book of Hergest* (1375-1425), como já dissemos anteriormente. No que diz respeito à Literatura Arturiana, a importância de sua ampla e vasta produção já foi bastante discutida e analisada em inúmeros trabalhos por estudiosos de todo o mundo, não nos aprofundaremos aqui neste tema, pois já o fizemos em dois outros trabalhos anteriores.<sup>20</sup> Existem, porém, alguns dados importantes que devem ser brevemente lembrados aqui. A referência primitiva mais autêntica a Artur encontra-se em uma crônica referente a 537 em uma entrada que menciona a Batalha de Camlan, na qual Artur e Medrawd foram mortos. Lembramos ainda as menções a Artur nos antigos poemas galeses *Y Gododdin* e *Marwnad Cynddylan*. No início do século IX, Nennius de Mercia — em sua *Historia Brittonum* — descreve Artur como o líder que derrotou os saxões doze vezes, sendo a última na batalha de Mount Badon. Segundo o *Annales Cambriae* (datado de

---

<sup>20</sup> AMIM, Mônica. *Religião e poder na busca do Graal: o desvelamento da história no jogo intertextual*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993; \_\_\_\_\_. O mito arturiano em seus diversos momentos, *Revista Augustus*, v. 6, n. 12, p. 65-70; jan./jun. 2001.

1100 porém contendo material de 445 — 954) a batalha de Mount Badon teria ocorrido em 516, e nela Artur derrotou os saxões “após carregar a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo nos ombros por três dias e três noites”.<sup>21</sup>

De todas as fontes galesas para a Literatura Arturiana talvez a mais importante seja *Historia Regum Britanniae* (séc. XII) de Geoffrey of Monmouth, por ter servido de base para uma nova e importante literatura europeia dos romances arturianos (ver posteriormente os trabalhos de Chretien de Troyes). Nos textos de Geoffrey of Monmouth, Artur aparece como um rei sábio, nobre e benevolente, que comandou uma corte de cavaleiros durante a época de ouro do povo britânico, antes da chegada dos saxões. Gostaríamos de chamar atenção para o fato de as narrativas de Geoffrey of Monmouth, mesmo sem apresentarem total precisão histórica, terem sido vitais para a construção de um sentido de identidade nacional do povo galês, já que estas deram de alguma maneira suporte ao clamor galês pela soberania sobre a ilha da Bretanha. Dentre os outros contos galeses de Monmouth podemos destacar o que se refere ao comandante romano Magnus Maximus (Macsen). Segundo a narrativa, ele teria sido o responsável por fazer os galeses colonizarem a Bretanha Armoricana (Brittany). Essa crença circula até hoje em narrativas folclóricas como *Yma o Hyd (We're still here)*. Outro autor medieval importante no sentido de reforçar a noção de identidade entre os galeses foi Geraldus Cambrensis (Gerald of Wales). Este clérigo e estudioso foi um dos maiores escritores galeses em Latim, e em sua significativa produção os trabalhos considerados mais importantes tratam do País de Gales e da Irlanda. Seus dois livros mais importantes sobre o País de Gales são *Itinerarium Kambriae* e *Descriptio Kambriae* (segunda metade do séc. XII e séc.XIII). Ele acreditava que a união de todos poderia tornar os galeses insupe-

---

<sup>21</sup> WILLIAMS, Peter. Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 4: Norman Wales. Disponível em <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

ráveis, pois, segundo ele, diferentemente dos herdeiros ingleses — que lutavam por ganhos e riquezas — os galeses eram patriotas e lutavam por seu país.

Nessa nossa breve reflexão sobre os aspectos mais relevantes da literatura galesa medieval faz-se necessário registrar a importância da pequena nobreza (*gentry*). Desde o século XII, após a morte de Dafydd ap Gruffud, a pequena nobreza passou a substituir os príncipes no papel de patrono dos poetas. Há registros (de 1176) de um evento de grande significado para a longa tradição poética galesa, o *Eisteddfod*. Tal evento consistia na reunião nacional dos bardos do país de Gales para uma competição. Lord Rhys ap Gruffudd reuniu em sua corte a Sudoeste do País de Gales (Cardigan) duas categorias de artistas — bardos e músicos (harpistas, gaitistas de fole, tocadores de crowder) — para esse concurso nacional, na época do Natal. A fixação de tal evento foi fundamental para a continuidade da arte dos bardos galeses, além de ter sido uma maneira de Lord Rhys demonstrar sua força e importância e, sobretudo, reafirmar sua independência.<sup>22</sup> Percebemos, então, nesse período, que embora a Igreja (incentivadora contumaz da cultura literária nativa) continuasse a apoiar os bardos galeses, a pequena nobreza nativa (*the uchelwyr*) tomou para si a tarefa de mantenedora da ordem dos bardos galeses, principalmente nesse momento em que a poesia passava a tratar de temas seculares. Nesse sentido, podemos afirmar que a produção literária hoje denominada *the poetry of the gentry* (a poesia da pequena nobreza) substituiu a poesia da corte dos príncipes. Os bardos deixaram, assim, de ter colocação permanente na corte (como vimos que possuíam anteriormente), e, como também não a possuíam entre a pequena nobreza, viram-se obrigados a viajar de casa em casa criando então os “circuitos de bardos”. Essa mudança na relação entre artistas e patronos propiciou uma maior

---

<sup>22</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 6: The flowering of literature. Disponível em: <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

liberdade de criação, já que os bardos não estavam mais obrigados a compor exclusivamente em honra dos senhores e príncipes. Eram os bardos galeses altamente treinados e extremamente habilidosos, o que os distinguiu do grande número de menestrelis itinerantes. Por desfrutarem de imensa popularidade eram, além de incentivados, muito bem-vindos pelos nobres, principalmente durante as festas religiosas e os festivais sazonais, já que sua presença elevava o *status* e o prestígio social daqueles que os recebiam.

Para muitos estudiosos, a liberdade de criação trouxe não apenas a variedade de temas, mas também, e principalmente, uma maior elaboração do sentimento poético. Vejamos o que disse Kuno Meyer sobre as composições poéticas celtas:

To seek out and watch and love Nature, in its tiniest phenomena as in its grandest, was given to no people so early and so fully as to the Celt. Many hundreds of Gaelic and Welsh poems testify to this fact. It is a characteristic of those poems that in none of them do we get an elaborate or sustained description of any scene or scenery, but rather a succession of pictures and images which the poet, like an impressionist, calls up before us by light and skilful touches. Like the Japanese, the Celts were always quick to take an artistic hint; they avoid the obvious and the commonplace; the half-said thing to them is dearest.<sup>23</sup>

Dentro dessa linha de produção literária não podemos deixar de mencionar Dafydd ap Gwilym (1320–1370), um dos mais im-

---

<sup>23</sup> “Buscar, observar e amar a natureza, nos pequenos e nos grandes fenômenos, foi dado desde de cedo aos celtas como a nenhum outro povo. Centenas de poemas gaélicos e galeses comprovam este fato. Uma característica desses poemas é que em nenhum deles encontramos uma descrição elaborada ou consistente de uma cena ou ambiente, mas sim uma sucessão de retratos e imagens que o poeta, como um impressionista, nos apresenta através de traços luminosos e habilidosos. Como os japoneses, os celtas eram rápidos para compreender uma alusão artística; eles evitam o óbvio e o lugar-comum; as meias palavras são para eles valiosas”. (MEYER, 1911 apud CHADWICK, 1971, p. 257).

portantes poetas medievais galeses. Tendo produzido no período que segue o de Dante na Itália e tendo sido contemporâneo de Chaucer, ap Gwilym foi capaz de unir a tradição dos bardos galeses aos novos conceitos europeus do amor cortês, possivelmente por ter sido influenciado pelo considerável aumento do contato com a literatura francesa ocorrido na época. É bom lembrar que mesmo durante os períodos de Eduardo II e Eduardo III houve momentos de considerável tranqüilidade e estabilidade no País de Gales, sendo esse, para muitos, um dos períodos mais gloriosos da literatura galesa. Nesse quadro, Dafydd ap Gwilym cantou louvores à natureza, às mulheres e à plenitude da vida. Porém, não nos esqueçamos que, após a morte de Llywelyn e Dafydd ap Gruffudd, as mudanças nas condições sociais e econômicas, causadas pela perda de independência política, fortaleceram o que Peter Williams chama de autoconsciência dos galeses. Nesse sentido, nos parece bastante significativo o fato de a poesia de Dafydd ap Gwilym simplesmente não fazer nenhuma referência ou menção à tensão racial e a uma certa amargura nacional presentes no período. Nada em seus poemas sugere a revolta que estava prestes a eclodir sob o comando de Owain Glyndwr, que, significativamente, era seu patrono.

Todavia o mesmo não ocorre na poesia de outros autores contemporâneos de Dafydd ap Gwilym, dentre os quais podemos destacar Llywelyn Goch (1350–1390) e Iolo Goch (1320–1398). Iolo Goch, por exemplo, foi um dos primeiros poetas da pequena nobreza e sua poesia apresentava preocupações com a ordem social. Dentre os seus poemas mais conhecidos estão *The Laborer* (Y Llafurwr) e uma trilogia dedicada a Owain Glyndwr. A revolta subjacente ao clima de aparente estabilidade e paz social podia ser sentida não apenas nas composições desses poetas galeses. Vejamos o que disse sobre a situação um escriba da corte de Edward (não identificado):

The Welsh habit of revolt against the English is a long-standing madness... and this is the reason. The Welsh, formerly called the Britons, were once noble, crowned with the whole realm of England;

but they were expelled by the Saxons and lost both name and kingdom... But from the sayings of the prophet Merlin they still hope to recover England. Hence it is they frequently rebel.<sup>24</sup>

A menção a Merlin (por parte de um escriba inglês) e a produção de autores como Iolo Goch nos mostram a força das tradições galesas mantidas, inegavelmente, por seus escritores através dos séculos.<sup>25</sup> Devemos, contudo, mais uma vez ressaltar a importância da obra de Geoffrey of Monmouth (séc. XII) como grande fonte de inspiração para a continuidade da luta galesa, tendo em vista que seus escritos mantiveram vivo o orgulho das antigas tradições e, sem dúvida, foram fundamentais para a “consciência galesa”, que posteriormente levou à revolta.

Repensando brevemente as antigas tradições, devemos lembrar que a poesia galesa primitiva — à qual já nos referimos anteriormente — não apresentava temas propriamente narrativos (assim como a irlandesa). Nessas composições a narrativa se fazia presente apenas de forma alusiva, e pode-se perceber que, normalmente, o poeta participou, presenciou ou viveu os eventos aos quais se refere, não sendo estes — para o poeta — fatos de um passado distante, já que os bardos de então faziam parte da vida e da casa dos senhores e chefes. No que diz respeito à prosa, acredita-se que a antiga prosa galesa tenha sido composta em um período tão remoto quanto o da prosa irlandesa, todavia poucos são os exemplos que sobreviveram do período anterior à *Lei de Howell*. Mesmo os textos mais remotos da *Lei* datam de um ma-

---

<sup>24</sup> “O hábito galês de revolta contra os ingleses é uma loucura de há muito... e essa é a razão. Os galeses, outrora denominados bretões, foram nobres, senhores do reino da Inglaterra; mas eles foram expulsos pelos saxões e perderam o nome e o reino... Mas de acordo com as profecias de Merlin eles ainda esperam recuperar a Inglaterra. Por isso eles freqüentemente se rebelam.” (Tradução minha). WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 6: The flowering literature. Disponível em: <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

<sup>25</sup> Lembremos algumas obras já mencionadas neste trabalho: *The Chronicle of the Princes*, *The Prophecy of Britain*.

nuscrito de 1200; existe, porém, um fragmento de prosa do século X, *The computus fragment*, preservado na Cambridge University Library. Interessa-nos, então, refletir, mesmo que sucintamente, sobre alguns aspectos do desenvolvimento da prosa galesa medieval e o papel de destaque que nela ocupa o *Mabinogion*.

### ***The Mabinogion* e a Narrativa Galesa Medieval**

Nora Chadwick chama atenção para a prosa medieval que se desenvolveu no País de Gales a partir do estilo dos *cyfarwyddiaid* (*prose story-tellers*/contadores de estória em prosa).<sup>26</sup> Os *cyfarwyddiaid* constituíam uma classe de narradores profissionais (como os bardos) especializada nos tradicionais contos em prosa e, é importante lembrar, no conhecimento e nos ensinamentos que essas narrativas continham. Embora esses contadores e suas estórias representassem com mais exatidão as antigas tradições celtas, não são mencionados com a mesma frequência dos bardos, já que a maior parte de sua produção se perdeu, provavelmente, com a chegada da literatura normanda em estilo continental (introduzida por eles mesmos), enquanto os bardos continuavam a ocupar lugar de destaque nas residências da nobreza galesa. Há no *Mabinogion*, no conto *Math Son of Mathonwy* (Math filho de Mathonwy), um exemplo interessante da importância desses contadores de estórias, quando o personagem Gwydion é apresentado como o melhor contador de estórias do mundo. Infelizmente, diferentemente da rica tradição em prosa da Irlanda, pouco foi preservado do repertório dos *cyfarwyddiaid*, e os manuscritos preservados datam do século XIV, bem posteriores ao que se tem da tradição irlandesa. Contudo, a maioria dos pesquisadores acredita que essas narrativas foram compostas em um período bem anterior ao dos manuscritos, tendo sobrevivido séculos na tradição oral — tendo nesse período passado por muitas alterações — antes

---

<sup>26</sup> CHADWICK, Nora. *The celts*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1971, p. 287-288.

de serem finalmente transcritas. A despeito de algumas diferenças no cenário e na ambientação, algumas dessas narrativas galesas são bem semelhantes às irlandesas, e nelas os antigos deuses irlandeses aparecem com formas mortais (embora com poderes sobrehumanos), lembrando que muitos deles tornaram-se heróis de várias dessas histórias. É importante destacar que embora o País de Gales já tivesse sido cristianizado há alguns séculos quando da transcrição das narrativas, conseguiu preservar e transmitir essas histórias dos antigos deuses pagãos de forma que ainda pudessem ser reconhecidos.

Assim, podemos afirmar que, embora alterados, os temas galeses são reconhecidamente celtas e, apesar de não serem idênticos aos temas irlandeses, guardam com esses uma relação de identidade maior do que com qualquer outra literatura, já que ambos pertencem à mesma família e ao mesmo antigo mundo celta. Nem mesmo as influências inglesas e francesas conseguiram mudar fundamentalmente o padrão das narrativas galesas que sobreviveram, embora elas possam ser sentidas em alguns detalhes. Nesse sentido, percebemos que a antiga literatura galesa contém uma quantidade relevante de material das tradições mitológicas celtas, sendo porém sua interpretação mais difícil no que concerne especificamente à mitologia, não só pela transcrição tardia das narrativas como também pela forte influência do Cristianismo, lembrando ainda que Nora Chadwick aventava a possibilidade de os antigos galeses serem menos apegados ao seu passado pré-cristão que os antigos irlandeses.<sup>27</sup> Pensamos ser importante discutirmos aqui alguns pontos de contato e algumas diferenças significativas entre as histórias galesas e as irlandesas.

A falta de limites para o sobrenatural e a ausência do pecado (assim como da punição e do feio) são traços comuns, de maneira geral, às narrativas galesas e irlandesas medievais. Mesmo tendo claro que esse *corpus* literário — pelas condições de escrita e

---

<sup>27</sup> CHADWICK, Nora. *The celts*. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1971, p. 141.

pelas concessões feitas ao Cristianismo — não é um resumo coerente das crenças celtas, notamos que uma leitura crítica nos permite verificar a presença constante do sobrenatural que reflete, assim, o modelo de mundo então plantado no ideário celta. Outro tema comum relevante é o da Busca, geralmente apresentada como uma experiência individual, jornada ou percurso individual da alma que concorre para o aperfeiçoamento do Ser, que para realizá-la percorre caminhos cheios de obstáculos. Nos textos não cristianizados, esses obstáculos estão relacionados à incapacidade do Ser, já nos textos cristianizados eles dizem respeito à culpa. Porém, nos dois tipos de texto, percebemos a ação como o agente transformador por meio do qual o Ser supera as suas imperfeições, destacando-se aí a ação individual em meio à ação coletiva. Num sentido mais amplo, a necessidade da Busca (da Demanda) se traduz na necessidade de conhecer a perfeição do Outro Mundo para instaurá-la nesse aqui. Por isso ela deve ser individual, pois a reunião de várias visões enriquecerá a visão do coletivo (lembrar, por exemplo, os cavaleiros da Távola Redonda). Finalmente não podemos esquecer que a Busca, quando se apresenta (não importa de que maneira, nem o motivo), é obrigatória, pois não realizá-la significava cair em desonra.<sup>28</sup> Há ainda mais um elemento comum: nas estórias galesas e irlandesas, geralmente, as mulheres têm a função de lidar com os feitos sobrenaturais, pois na maioria delas tal função é uma especialidade feminina.

Embora exista, como já dissemos anteriormente, uma fortíssima identidade entre as narrativas medievais galesas e irlandesas, notamos algumas diferenças que merecem ser aqui destacadas. A primeira delas diz respeito exatamente à transição do natural para o sobrenatural. Nas estórias irlandesas tal transição se dá naturalmente, passa-se de um elemento ao outro sem nenhuma preparação especial. Já nas narrativas galesas, apesar dessa passagem dar-se de forma simples, muitas vezes encontramos o elemento da magia ou do profissionalismo do bardo. Nesse aspecto, mere-

---

<sup>28</sup> MARKALE, Jean. *Le druidisme*. Paris: Payot, 1989, p. 272-277.

ce destaque a importância dada ao sonho nas estórias galesas, como podemos observar em dois contos do *Mabinogion*: *The dream of Macsen Wledig* (O sonho de *Macsen Wledig*) e *The dream of Rhonabwy* (O sonho de *Rhonabwy*). Notamos ainda que em muitos textos irlandeses a Bretanha é representada como importante centro de treinamento para a magia e para a obtenção de feitos sobrenaturais, o que não é observado nos textos galeses. Finalmente, os textos galeses não apresentam antigos ou primitivos deuses nativos, à exceção de Nodens (ou Nodons) e Manawydan fab Llyr, ambos originários do oeste e que são, muito provavelmente, influências irlandesas talvez trazidas diretamente por imigrantes. Todavia, as esparsas fontes galesas tornam difícil a explicação e o entendimento dessas diferenças.

É justamente dentro dessa produção narrativa galesa medieval que vamos encontrar os contos do *Mabinogion*. Vale lembrar aqui que este conjunto de narrativas está preservado em duas coleções de manuscritos: o *White Book of Rhydderch* (National Library of Wales, em Aberystwyth) escrito entre 1300 e 1325, e o *Red Book of Hergest* (Jesus College, em Oxford) escrito entre 1375 e 1425. Como já mencionamos na introdução deste trabalho, apesar do importante e rico material literário que representam, esses textos só se tornaram acessíveis ao público em geral quando, em 1849, Lady Charlotte Guest publicou a tradução em inglês de onze contos do *Red Book* (lembramos que os manuscritos estão totalmente em galês medieval). Na primeira edição Lady Charlotte Guest publicou o texto em galês e a tradução em inglês dos contos, em três volumes, com numerosas notas explicativas. Já na segunda edição, em 1877, o material foi condensado, apresentando apenas a tradução em inglês e as notas originais bastante resumidas. Devemos lembrar que, nas duas edições, Lady Charlotte publicou também a tradução do conto de *Taliesin* (Hanes Taliesin), narrativa pertencente a um manuscrito posterior ao *Red Book of Hergest* (encontrado primeiramente em uma cópia do século XVI).<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> WILLIAMS, R. *The Mabinogion*. Translated by Gwyn Jones and Thomas Jones. London: Everyman, 1993, p. 1-4.

No País de Gales, em princípios da Idade Média, os bardos formavam uma classe, dividida em níveis ou graus, que se dedicava a uma arte em especial. A fim de pertencer a este grupo, o candidato a bardo deveria passar por um severo e bem definido treinamento literário e provar ser um mestre das antigas tradições e conhecimentos. Segundo Lady Charlotte Guest este aspirante a bardo era chamado de *mabinog*. Os conhecimentos que ele deveria adquirir eram, de maneira geral, representados pelo *mabinogi*, que era ao mesmo tempo um curso e uma fonte de rendas, já que era costume os *mabinog* receberem pagamento para recitar os contos e histórias que sabiam. Assim sendo, Lady Charlotte Guest utilizou o termo *Mabinogion* (entendido como plural de *mabinogi*) como título geral para os doze contos contidos em seu livro. Todas as histórias deste volume são mais antigas que o manuscrito no qual foram encontradas.

Cabe, neste ponto de nossa apresentação, um esclarecimento. De acordo com Gwyn Jones (professor de Inglês e Literatura Inglesa da *University College of Wales em Cardiff*) e Thomas Jones (Professor de Galês e Literatura Galesa da *University College of Wales*), Lady Charlotte Guest atribuía, juntamente com os acadêmicos de seu tempo, um significado errôneo ao termo *mabinogion*, qual seja, o de plural de *mabinogi*. Tal alegação se baseia no fato de a palavra *mabynnogyon* aparecer somente uma vez nos manuscritos, o que pode ser atribuído a um erro do escriba. De qualquer maneira, ainda segundo Gwyn e Thomas Jones, o termo *mabinogi* se aplicaria apenas ao primeiro grupo de histórias dentre as onze existentes. Entretanto, embora o termo escolhido por Lady Charlotte Guest apresente um duplo equívoco, seu uso tem se mostrado conveniente, e já que está há mais de um século estabelecido, os professores Gwyn e Thomas Jones acharam desnecessário cunhar um novo termo.<sup>30</sup>

O conjunto de onze histórias encontradas no *Mabinogion* é geralmente dividido em três grupos. No primeiro grupo, também

---

<sup>30</sup> WILLIAMS, R. *The Mabinogion*. Translated by Gwyn Jones and Thomas Jones. London: Everyman, 1993, p. 9-10.

conhecido como *The four branches of the Mabinogi* (Os quatro ramos do Mabinogi), temos os contos *Pwyll Prince of Dyfed* (Pwyll príncipe de Dyfed), *Branwen Daughter of Llwr* (Branwen filha de Llwr), *Manawyddan Son of Llwr* (Manawyddan filho de Llwr) e *Math Son of Mathonwy* (Math filho de Mathonwy). Essas histórias são em sua essência pré-cristãs e pré-históricas, e são, indubitavelmente, sobrevivências da antiga mitologia celta. Em sua presente forma elas são quase-mitológicas, todavia, a ação do tempo e as inevitáveis mudanças abrandaram em muito o elemento mítico, sem entretanto suprimi-lo completamente. Na verdade o conteúdo destes contos é muito mais antigo que sua forma, e apesar de neles os deuses terem deixado de ser deuses, ainda assim não se transformaram em homens comuns, oferecendo-nos então histórias repletas de magia e ilusão.

O segundo grupo, geralmente denominado *The four independent native tales* (Os quatro contos nativos independentes), é composto por quatro histórias. As duas primeiras são dois breves contos: *The Dream of Macsen Wledig* (O sonho de Macsen Wledig) e *Lludd and Llefelys* (Lludd e Llefelys), que nos remetem à administração romana da Bretanha e possuem um substrato histórico. Logo percebemos que, se nas histórias do primeiro grupo o narrador luta para dar ao mito uma realidade histórica, nestas aqui, porém, sua imaginação e fantasia têm que lidar com pessoas reais. Há alguns estudos que relacionam e comparam estes dois contos com a *Historia Regum Britannia*, de Geoffrey of Mounmouth; isto, porém, não será objeto de nossas atenções. O que julgamos importante mencionar aqui é que as histórias deste segundo grupo pertencem a um período intermediário entre a criação das primeiras histórias e o crescimento da lenda arturiana na literatura galesa. Neste sentido, as duas outras histórias que compõem este segundo grupo, *Culhwch and Olwen* (Culhwch e Olwen) e *The Dream of Rhonabwy* (O sonho de *Rhonabwy*), apresentam Artur como um típico cavaleiro bretão, a ação se desenrola na Bretanha e todo o espírito da narrativa é completamente celta. Supõe-se ainda que estas narrativas assumiram a forma apresentada no século XII, antes de a lenda arturiana sofrer influência normanda.

No terceiro grupo, normalmente intitulado *The three romances* (Os três romances), encontramos *The lady of the fountain* (A dama da fonte), *Paredur son of Efracw* (Paredur filho de Efracw) e *Gereint son of Erbin* (Gereint filho de Erbin). Neles Artur e seus seguidores se tornaram cavaleiros normandos. Nestas três histórias a cavalaria e o cavaleiro errante são componentes essenciais, enquanto que nas primeiras eram aspectos apenas ocasionais e secundários. Neste momento a lenda arturiana já havia permeado a literatura europeia, e este fato se refletiu na versão galesa.

### **Considerações finais**

Ao longo deste trabalho quisemos oferecer ao leitor, além de um breve panorama da literatura galesa medieval, elementos para uma reflexão acerca da importância das manifestações artísticas — no caso a literatura — na construção de uma identidade nacional. Essa idéia nos parece particularmente interessante no que diz respeito ao País de Gales. O movimento pendular que caracterizou a busca sem fim do povo galês por liberdade e soberania política está recheado de líderes/heróis que, ao longo dos séculos (principalmente durante a Idade Média), tiveram seu prestígio e sua liderança alimentados não só por seus feitos político-militares, mas também pelas profecias e ideais longamente plantados no imaginário coletivo pelas narrativas mítico-históricas. A figura de Owain Glyndwr e a grande revolta contra a opressão inglesa, ocorrida no início do século XV, são bons exemplos.

Por volta de 1400 a instabilidade social e uma forte tensão racial (alimentadas sobretudo pelas políticas de exclusão em relação aos galeses) criaram uma conjuntura extremamente favorável para a atuação de Owain Glyndwr. Todos esses elementos, embalados e reforçados por uma fortíssima tradição popular profética permitiram que diversos bardos (inclusive o popular Iolo Goch) relacionassem a figura de Owain Glyndwr às antigas profecias referentes ao destino da nação galesa.<sup>31</sup> Descendente direto dos

---

<sup>31</sup> WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 7: Rebellion. Disponível em <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

príncipes de Powys e coroado príncipe de Gales com o apoio de um pequeno grupo, Glyndwr sentiu-se, naquele momento, suficientemente confiante para desafiar o rei Henrique IV da Inglaterra. A partir de 1401, as medidas repressivas adotadas por Henrique IV restringiram mais ainda os direitos civis dos galeses. Além disso, uma reclamação de Owain Glyndwr sobre uma disputa de terras foi tratada com escárnio e desdém pelo Parlamento Inglês (com referências ofensivas aos galeses). Tais fatos deram a Glyndwr o apoio mais expressivo de que tanto necessitava, fazendo com que os revoltosos galeses conquistassem, então, a parte Norte do país. O sucesso inicial do grupo reacendeu e liberou (de forma quase incontrolável) os sentimentos e anseios galeses longamente reprimidos. Owain Glyndwr já contava, naquele momento, com o apoio massivo do campesinato fazendo, assim, com que a rebelião avançasse (por volta de 1404). É importante lembrarmos aqui alguns fatos que marcaram profundamente o imaginário popular galês e que foram fundamentais para que Glyndwr conquistasse a adesão apaixonada do povo, dois deles ocorridos em 1402. Primeiro a aparição, nesse ano, de um cometa — fato visto pelo povo como uma celebração do aparecimento de Glyndwr e como um sinal da chegada da libertação. O segundo acontecimento marcante de 1402 foi a completa destruição do exército de Henrique IV em Pilleth, ocorrida sob fatores meteorológicos totalmente favoráveis aos galeses — o que aumentou consideravelmente a crença em um possível auxílio de forças sobrenaturais. A esse respeito, vale a pena verificarmos o que diz uma passagem do *Annales Henrici Quarti* de 1402:

Glyndwr almost destroyed the King and his armies, by magic as it was thought, for from the time they entered Wales to the time they left, never did a gentle air breath on them, but throughout whole days and nights, rain mixed with snow and hail afflicted them with cold beyond endurance.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> “Glyndwr praticamente destruiu o rei e seus exércitos, acreditava-se que através de magia, pois desde a hora em que eles entraram em Gales até a hora em que partiram, em nenhum momento bons ventos sopraram em sua direção, mas durante dias e noites, chuva, neve e granizo os castigaram com um

Esse quadro extremamente favorável — completado com o fracasso de mais três expedições reais contra Owain Glyndwr — fez crer aos galeses que as conquistas de seus ideais de liberdade e soberania estavam cada vez mais próximas. Os planos de Glyndwr eram os seguintes, naquele momento: tornar a Igreja do País de Gales independente de Canterbury (designando para benefícios episcopais em território galês apenas aqueles que falassem o idioma), criar duas universidades para treinar os servidores civis e os clérigos e, finalmente, derrubar o soberano inglês. Entretanto, a extrema habilidade militar do príncipe Henrique (futuro Henrique V) pôs fim aos anseios galeses — já que a sexta expedição militar inglesa sufocou de forma inquestionável a rebelião e retomou a maior parte dos territórios conquistados por Owain Glyndwr. Com o fim da rebelião, e o inevitável recrudescimento das medidas punitivas por parte do governo inglês,<sup>33</sup> a família de Glyndwr foi capturada e levada para Londres. O fim da revolta, porém, não significou o fim dos ideais galeses e muito menos das lendas sobre Owain Glyndwr. Nada se sabe, até hoje, sobre sua morte, constituindo-se seu destino após a derrota num absoluto mistério, cercado de especulações: teria simplesmente desaparecido; teria partido para as montanhas ou para um mosteiro tornando-se um fugitivo fora-da-lei. Vejamos o que diz a citação de um escritor anônimo de 1415: “Very many say that he died; the seers say that he did not”.<sup>34</sup> Nesse sentido, podemos afirmar que independentemente de seu real destino, Owain Glyndwr entrou defini-

---

frio além do suportável”. (Tradução minha). WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 7: Rebellion. Disponível em: <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

<sup>33</sup> Numa mensagem a Carlos VI da França Glyndwr escreveu: “My nation has been trodden underfoot by the fury of the barbarous Saxons”. WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 7: Rebellion. Disponível em: <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

<sup>34</sup> *Annals of Owain Glyndwr* apud WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. Cap. 7: Rebellion. Disponível em <[www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)>. Acesso em: fevereiro de 2006.

tivamente para o rol dos heróis mítico-históricos, do qual fazem parte também figuras como o Rei Artur e Dom Sebastião. São heróis que sustentaram as crenças e os ideais longamente gestados no imaginário popular e que, inquestionavelmente, alimentaram uma produção literária rica e apaixonante.

## Referências

AMIM, Mônica. *Religião e poder na busca do Graal: o desvelamento da história no jogo intertextual*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado), UFRJ / Fac. de Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. O mito arturiano em seus diversos momentos. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, v. 6, n.12, jan/jun 2001.

CHADWWICK, Nora. *The Celts*. with an introductory chapter by J.X.P. Corcoran. Harmondsworth, Middlesex, England, Penguin.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

JONES, Gwyn & JONES, Thomas. *The Mabinogion*. Cit. Introduction.

MARKALE, Jean. *La femme celte: mythe et sociologie*. 8e éd. Paris: Payot, 1989.

\_\_\_\_\_. *Le Druidisme*. Paris: Payot, 1989, p.55.

POWELL, T.G. *The Celts*. 3rd ed. London: Thames and Hudson, 1963.

SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Vintage Books, 1993.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo, Brasiliense, 2003.

SHARKEY, John. *Celtic mysteries: the ancient religion*. 2nd ad. Singapore: Thames and Hudson, 1981.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

WILLIAMS, Peter. *A brief history of Wales*. (Cap.1), disponível em [www.britannia.com/wales/whist.html](http://www.britannia.com/wales/whist.html)

WILLIAMS, R. *The Mabinogion*. Translated by Gwyn Jones and Thomas Jones. London, Everyman, 1993.